

FATORES QUE INFLUENCIAM A MORTALIDADE PELO ENDIVIDAMENTO DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS NO BRASIL

Josefa Meire Ingrid da Silva Bezerra¹

Jesús Salazar Aramayo²

RESUMO

O presente trabalho tem como escopo apresentar um levantamento de informações sobre os fatores que influenciam a mortalidade pelo endividamento das micro e pequenas empresas no Brasil, uma vez que estas vêm ganhando grande notoriedade no país, devido a sua importância para economia e os benefícios atrelados à abertura de cada empresa, dentre aos quais se pode mencionar a geração de emprego e renda para a população. Todavia, percebe-se que muitas das MPE's abertas, principalmente entre dois e cinco anos, passam por alguns problemas, que muitas vezes ocasionam o seu fechamento. Nesse contexto, a hipótese a ser testada é de que uma das principais causas da insolvência destas empresas seria o desconhecimento das práticas relacionadas às sua saúde financeira, especificamente o uso da dívida. Desta forma, a metodologia empregada fundamentou-se em uma pesquisa exploratória, somada ao levantamento de dados secundários por meio de materiais publicados junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE); Portal Brasil. O resultado da pesquisa permitiu verificar que a falta de capital de giro, as altas taxas de juros e as dificuldades de acesso ao crédito junto à inexperiência financeira por parte dos gestores contribuem significativamente para mortalidade das micro e pequenas empresas.

Palavras-chave: Endividamento. Micro e pequenas empresas. Mortalidade.

ABSTRACT

The present work has the objective to present a survey of information regarding the factors that influence mortality by indebtedness of micro and small enterprises in Brazil, since these have been gaining notoriety in the country, due to its importance to the economy and benefits linked to the opening of each company, among which one can mention the generation of employment and income for the population. However, it is noticed that many of the MPEs open, mainly between two and five years, go through some problems that often cause it to close. That said, the hypothesis to be tested is that one of the main causes of the insolvency of these companies would be the lack of knowledge related to your financial health practices. Thus, the methodology used was based on an exploratory, plus the collection of secondary data through published materials from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), the Brazilian Service of Support for Micro and Small Enterprises (SEBRAE) ; Brazil Portal. The research result has shown that the lack of capital, high interest rates and difficulties in accessing credit from the financial inexperience of managers contribute significantly to mortality of micro and small enterprises.

¹ Acadêmica do MBA em Administração Financeira do Centro Universitário do Rio Grande do Norte. e-mail: meire.ingrid@yahoo.com.br.

² Professor Orientador do MBA em Administração Financeira do Centro Universitário do Rio Grande do Norte. e-mail: salazarjesus@hotmail.com.

Key words: Indebtedness. Micro and small enterprises. Mortality.

1 INTRODUÇÃO

O número de micro e pequenas empresas vem crescendo gradativamente no Brasil, tornando-se um ponto relevante para a economia, uma vez que tal crescimento inclui diversos benefícios, dentre aos quais, pode-se mencionar a geração de emprego e renda para população que surge com a abertura de cada empresa. As Micro e Pequenas Empresas (MPEs), por exemplo, foram as principais responsáveis pela geração de 4,6 milhões de novos postos de trabalho entre 2005 e 2011, o que representa um crescimento médio de aproximadamente 5,9% a.a. (SEBRAE; DIEESE, 2012, p. 29).

Apesar do acelerado desenvolvimento das micro e pequenas empresas é perceptível que atualmente as organizações, sejam elas de grande ou pequeno porte, tanto para ingressar no mercado quanto para manter-se nele, necessitam estar preparadas para enfrentar alguns desafios que vem surgindo no cotidiano, considerando a competição de mercado cada vez mais acirrada. Os clientes mais exigentes, a inserção de produtos similares e o avanço da tecnologia têm proporcionado rápidas mudanças nos produtos, fazendo com que o gerenciamento das instituições fique mais difícil e desafiador.

Entretanto, percebe-se que das MPEs que são criadas, muitas passam por problemas financeiros que por vezes ocasionam o seu fechamento, principalmente entre os dois e cinco primeiros anos. Desta forma, o escopo do presente trabalho é realizar um levantamento de informações, junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), site Portal Brasil, especificamente quanto as informações dos anos de 2010 a 2012, do número de MPEs abertas e fechadas neste período, assim como também verificar a idade média daquelas que fecharam.

Neste contexto, a hipótese a ser testada é de que uma das principais causas seria o desconhecimento das práticas relacionadas às finanças corporativas, como: uso da dívida, gestão de obrigações de curto prazo e recebimentos, controle de despesas, mensuração do desempenho financeiro, dentre outros.

Após a coleta dos dados, analisou-se, de modo geral, a saúde financeira dessas empresas, visando identificar os fatores contribuintes para a mortalidade destas organizações, bem como identificar métodos eficazes e necessários para o cotidiano de toda e qualquer organização empresarial, com o intuito de contribuir para sua sobrevivência no mercado por meio de uma melhor gestão.

2 MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

O ingresso de novas empresas nos mais diversificados segmentos do mercado é importante para o desenvolvimento econômico e social do país, gerando mais emprego e renda para população, aumentando a circulação da moeda e até mesmo o Produto Interno Bruto (PIB).

As empresas podem ser estudadas considerando diversas classificações como o porte, sejam eles: micro, pequena, média, média-grande e grande empresa; existindo assim vários critérios para classificação das mesmas, o que varia de acordo com a região, escolha do pesquisador, dentre outros. No caso do presente trabalho buscou-se sintetizar os critérios para classificação de porte das empresas de acordo com o adotado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), conforme se demonstra na Tabela 01.

Tabela 01: Classificação de porte de empresa.

CLASSIFICAÇÃO	RECEITA OPERACIONAL BRUTA ANUAL
Micro empresa	Menor ou igual a R\$ 2,4 milhões.
Pequena empresa	Maior que R\$ 2,4 milhões e menor ou igual a R\$ 16 milhões.
Média empresa	Maior que R\$ 16 milhões e menor ou igual a R\$ 90 milhões.
Média-grande empresa	Maior que R\$ 90 milhões e menor ou igual a R\$ 300 milhões.
Grande empresa	Maior que R\$ 300 milhões.

Fonte: Adaptado de BNDES (2010).

Diante disso foram estudadas de forma mais particularizada as Micro e Pequenas Empresas, em decorrência destas atualmente estarem cada vez mais conquistando seu espaço no mercado brasileiro, representando, no ano de 2010, 61% do número de empresas exportadoras e 99% das empresas privadas existentes no País. Outro fator relevante a ser mencionado é o número de empregos gerados, aonde também no ano de 2010 este número chegou a 14.710.631 de empregados com carteira assinada (SEBRAE, 2012).

Assim, é nítida a expansão das MPEs no mercado brasileiro, sendo que Santos (2001) *apud* Souza (2010, p. 2) coloca ainda que “devido a sua capacidade de gerar empregos, distribuir renda, girar a economia, as micro e pequenas empresas são fatores de estabilidade social”.

Segundo Tachizawa e Faria (2007, p. 19), as organizações de pequeno porte podem oferecer aos seus colaboradores níveis mais elevados de motivação e envolvimento, bem

como possibilitar a oportunidade de que os mesmos possam compartilhar de todos os processos que ocorrem com os seus produtos/serviços dentro da organização, desde sua entrada até o resultado final do seu trabalho, ou seja, possibilita o controle da organização como um todo, sendo também os principais responsáveis por seu sucesso/fracasso no mercado.

Todavia, vale salientar que não basta apenas o entusiasmo e a vontade de fazer, é necessário que haja um planejamento para facilitar a execução das suas ações, pois conforme pesquisa realizada pelo SEBRAE e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC (2011), através da publicação Guia de Sobrevivência para Micro e Pequenas Empresas, informa que aproximadamente 27% das novas empresas estabelecidas no nosso País, na maioria das vezes termina sendo eliminadas do mercado em seu primeiro ano de vida.

3 MORTALIDADE EMPRESARIAL NO BRASIL

As organizações de pequeno porte quando comparadas às empresas maiores e já estabilizadas apresentam maior fragilidade estrutural e administrativa, daí, surge um fator relevante que implica na redução da taxa de sobrevivência das Micro e Pequenas Empresas (MPEs).

Deste modo, a criação de novas empresas, com o intuito de gerar novos empregos à população e promover o desenvolvimento da economia brasileira, necessita contar com a junção de práticas administrativas importantes (a exemplo de planejamento, organização e controle), de forma a fomentar uma melhor gestão e estratégias mais eficientes e eficazes, visando reduzir essa disparidade evidente com as concorrentes maiores e já consolidadas no mercado.

Solomon *apud* Viapiana (2001, p. 05) afirma que:

Os setores em que a pequena empresa tem alcançado êxito são os mais variados. Em especial, apresenta bom desempenho nas atividades em que há inovação tecnológica; é econômica tanto em pequena quanto em grande escala; tende a desenvolver atividades com baixa intensidade de capital e com alta intensidade de mão-de-obra; apresenta melhor desempenho nas atividades que requerem habilidades ou serviços especializados; apresenta bom desempenho em mercados pequenos, isolados, despercebidos, ou imperfeitos; opera em 5 mercados pouco conhecidos ou instáveis ou atende a uma demanda marginal e flutuante; sobrevive por estar mais perto do mercado e responder rápida e inteligentemente às mudanças que nele ocorrem; sobrevive criando seus próprios meios para contrabalançar as economias de escala.

Segundo Donato (2011, p. 3) o caminho a ser percorrido para a criação e o desenvolvimento de uma organização bem-sucedida não é nada fácil, uma vez que o número de empresas que fecham as portas antes mesmo de chegar aos 05 (cinco) de experiência é considerado elevado, apresentando um índice de aproximadamente 50%, ou seja, torna-se perceptível que iniciar um empreendimento de micro e pequeno porte é um investimento de alto risco.

Há um descompasso entre o processo de criação de empresas e as taxas de encerramento de atividades de pequenos negócios. Principalmente nos primeiros anos de existência, há uma grande suscetibilidade das micro e pequenas empresas ao fechamento (MACHADO; ESPINHA, 2005, p. 52).

É perceptível que grande parte das organizações constituídas, infelizmente não sobrevive por muito tempo, isso porque muitas vezes os conhecimentos básicos e necessários para administrá-la e levá-la adiante são ausentes por parte dos empreendedores. De acordo com o SEBRAE, aproximadamente 80% dos empresários de micro e pequenas empresas perde parcialmente, ou totalmente, o investimento realizado, o que muitas vezes são recursos próprios (JÚNIOR; PISA, 2010).

Do ponto de vista de Peñaloza e Figueirêdo (2008, p. 6) as empresas que estão ingressando no mercado de certa maneira são coagidas a optarem pelo capital próprio, uma vez que encontram dificuldade para obter financiamento. Diferentemente das empresas de grande porte e que já se encontram no comércio há mais tempo, estas reúnem dados, ativos e experiência possibilitando assim uma parcela maior de confiança para alcançar o endividamento.

Quando se busca identificar as dificuldades que surgem dentro das organizações de pequeno porte entende-se que as mesmas são inúmeras, podendo assim ser de natureza interna ou externa, e nem sempre são reconhecidas pelos próprios administradores. Desta forma, no momento em que as empresas percebem o quão é delicada a situação, algumas não conseguem sobrepor os problemas, e diante dessas circunstâncias acabam fechando as portas (VIAPIANA, 2001, p. 08).

Tabela 02: Tipos de crédito disponíveis no mercado para MPEs.

Tipo	Características
Para investimento ou investimento fixo	O capital destinado à aquisição de máquinas e/ou equipamentos e obras civis indispensáveis à implantação, modernização, funcionamento ou ampliação da empresa.
Para capital de giro	Recurso destinado à compra de mercadorias, reposição de estoques, despesas administrativas, etc.
Capital de Giro associado ao investimento ou investimento misto	A parcela de recursos destinada a cobrir as despesas que a empresa terá com investimentos realizados. Ou seja, se a empresa financiou uma máquina, poderá necessitar de matéria-prima para a produção – neste caso, será financiado o capital de giro.

Fonte: Adaptado de Tasic (2003).

A identificação e o registro da causa de mortalidade da empresa são informações importantes para fins de políticas públicas, porque apontam de forma mais precisa a motivação que deu origem ao declínio ou morte da pequena empresa (MACHADO; ESPINHA, 2005, p. 62).

4 FATORES CONDICIONANTES NA MORTALIDADE DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Neste tópico, apresentam-se alguns dos possíveis fatores que influenciam diretamente o endividamento das Micro e Pequenas Empresas (MPEs), muitas vezes ocasionando a sua insolvência, dentre os quais relacionam-se: a falta de capital de giro, carga tributária elevada e forte concorrência.

No ano de 2010, 58% das empresas de pequeno porte fecharam as portas antes de completar 05 (cinco) anos. De acordo com o Portal Brasil (2012), dentre os principais agentes causadores, descritos pelos empreendedores, estão a falta de clientes (29%), de capital (21%), a concorrência (5%), a burocracia e os impostos (7%), sendo que Felipe, Ishisaki e Krom (2009, p. 9) acrescentam como resultado de sua pesquisa ainda a instalação do empreendimento em local inadequado e clientes que não honram com os compromissos assumidos como fatores motivadores a mortalidade de MPEs. Segundo o SEBRAE, existem outros fatores que influenciam no processo de mortalidade das MPEs como a falta de planejamento, de técnicas de marketing, de avaliação de custos e fluxo de caixa, dentre outros.

Vasconcelos (2008) discorre no tocante à falta de capital de giro, o qual é avaliado por muitos autores como principal responsável pelas empresas insolventes. Entretanto, estas são implicações da existência de outros determinantes acoplados ao mesmo, dentre os quais se têm a falta de planejamento, inexperiência do gestor e despreparo gerencial.

É perceptível ainda que o insucesso das empresas muitas vezes podem ser consequências da inexperiência do empreendedor com relação às suas aptidões financeiras, administrativas, mercadológicas e tecnológicas, pois para se obter um bom desempenho no negócio é necessário que o seu gestor conheça bem o mercado, possibilitando que o mesmo trilhe os caminhos que possa conduzi-lo ao sucesso (DUTRA; PREVIDELLI, 2005, p. 35 *Apud* Degen, 1989; e Dolabela, 1999).

Do ponto de vista de Vasconcelos (2008, p. 220) “é muito comum empresários inexperientes cometerem equívocos gerenciais considerados primários. O primeiro é a pouca atenção à gestão de Capital de Giro”.

No início dos anos 1970, Edmister (1972) buscou aplicar ferramentas para predizer a falência das pequenas empresas, baseado em análises financeiras e sofisticadas técnicas estatísticas com o objetivo de testar a hipótese de que a má gestão financeira contribui para a mortalidade precoce de pequenas empresas. Em seus estudos, ele conclui que é possível predizer a falência de uma pequena empresa com até 5 anos de antecedência, com uma certa margem de erro, e que a má gestão financeira pode ser considerada um dos principais fatores que contribuem para a mortalidade precoce (EDMISTER, 1972 *apud* FERREIRA *et al.*, 2012).

Vasconcelos (2008) reforça ainda a necessidade de atenção do empresário, em relação à quantidade de capital de giro necessária para a manutenção do seu empreendimento, ao capital que fica imobilizado em itens de estoque, títulos incobráveis, etc., sendo imperioso considerar esses elementos na ocasião do dimensionamento do montante desse capital que será preciso ter à disposição.

Como já delineado anteriormente, a contratação de financiamentos e empréstimos junto aos agentes financeiros é uma das formas mais comuns de se obter capital de giro, entretanto, o empresário, principalmente aqueles iniciantes e de micro e pequeno porte, devem estar atentos ao tipo de capital devem recorrer, se próprio ou de terceiros, e dos eventuais juros a que terão de se submeter para acessá-lo.

Percebe-se que as Micro e Pequenas Empresas se encontram em um contexto complexo e de poucas alternativas no que tange às suas estruturas de capital. Geralmente, estas organizações são gerenciadas pelos próprios proprietários, muitas vezes desconhecedores das linhas de financiamento disponíveis no mercado e dos benefícios das mesmas. Muitos dos gestores afirmaram não conhecer o custo dos recursos investidos em suas atividades, revelando desconhecimento do custo de capital da empresa e do custo de oportunidade do capital próprio. (...) organizações de pequeno porte possuem uma lacuna financeira dada por dois componentes: falta de oferta de financiamento e desconhecimento por parte dos demandantes dos benefícios de cada fonte de financiamento (PEROBELLI, 2009, p. 11).

Atualmente os gestores não podem utilizar apenas os métodos empíricos, ou seja, usar a intuição para gerir uma empresa, uma vez que tal método não é suficiente para suprir as necessidades de uma organização, os mesmos devem preocupar-se com a saúde financeira desta, buscando ampliar seus resultados e evitar possíveis eventualidades que venham a prejudicar a empresa, o que corrobora com o disposto por Sousa (2007, p. 2) em seu trabalho.

5 METODOLOGIA

Tratando-se o tipo de metodologia utilizada para a execução do presente trabalho, esta pesquisa pode ser classificada como exploratória, conforme aduz Reis (2008, p. 57) ao colocar que este é um tipo de pesquisa “que tem como objetivo identificar os fatores que contribuem para que os fenômenos ocorram; se desenvolve e explica a razão destes e identifica os fatores determinantes”.

Em relação aos procedimentos técnicos, o estudo constituiu-se primordialmente numa pesquisa bibliográfica, que de acordo com Marconi e Lakatos (2008, p. 185) se caracteriza quando “a pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao estudo e com a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi dito sobre determinado assunto”.

Ainda em relação aos procedimentos técnicos, o presente estudo também pode ser caracterizado como documental, pois segundo Fonseca (2009) nesse tipo de pesquisa o material onde os dados são coletados limita-se ao uso de documentos, podendo estes ser registrados ou não.

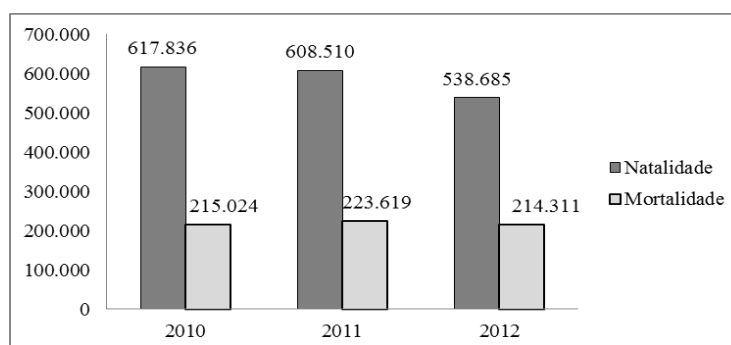
A técnica utilizada para obtenção e coleta de dados da presente pesquisa configurou-se em um levantamento de dados secundários. Estes, de acordo com Malhotra (2004), consistem em dados que já foram angariados por outros pesquisadores em determinado momento, com o intuito de alcançar resultados distintos ao presente estudo. Vale salientar que o levantamento de dados secundários foi realizado através de material publicado junto ao Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), site do Portal Brasil, dentre outros, relativos ao período de 2010 a 2012.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A figura 01 apresenta as constituições e extinções de Micro e Pequenas Empresas no Brasil no período de 2010 a 2012, podendo-se observar um declínio no número de organizações abertas nesse período, entretanto, tratando-se das empresas que fecharam quando equiparadas aos anos anteriores é perceptível que no exercício de 2012 houve um aumento, apresentando um aumento de 39,8% em relação ao exercício anterior.

Figura 01: Natalidade e mortalidade de micro e pequenas empresas no Brasil.



Fonte: Adaptado de Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC; Secretaria de Comércio e Serviços – SCS; e Departamento de Registro do Comércio – DNRC (2013).

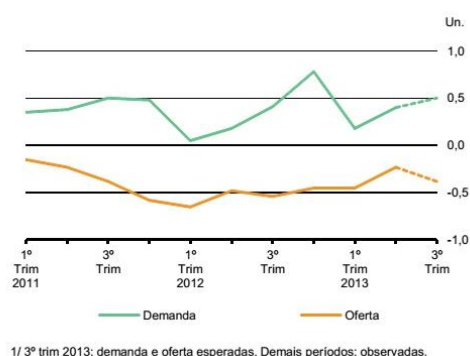
Conforme dados apresentados na pesquisa de Perobelli (2009) verificou-se que aproximadamente 59,5% das empresas precisam de capital de giro para financiar suas atividades operacionais no período de intermitência que ocorre entre a prestação de contas com os fornecedores e o recebimento do que foi vendido. Desta maneira, o presente resultado corrobora a ausência de conhecimento por parte dos administradores do que possa ser necessidade de capital de giro da sua organização, uma vez que 40,5% das instituições são custeadas por seus fornecedores.

Ainda neste sentido, o Relatório de Estabilidade Financeira do Banco Central do Brasil (2013, p. 23) apresenta-nos que “as PME tornam-se mais sensíveis a oscilações adversas na economia e a restrições em momentos de maior aversão ao risco”, bem como tece alerta para o fato de que “a menor disposição para a concessão de crédito dos bancos privados

às PME reflete-se na diferença sistemática entre a oferta e a demanda de crédito para esse segmento”.

Desta forma, na figura 02 é demonstrado graficamente que a demanda por crédito, entre 2011 e 2013, foi superior ao ofertado pelos agentes financeiros, o que, por conseguinte, diminui a possibilidade de acesso ao capital giro proveniente desta fonte ao micro e pequeno empresário, evidenciando a priorização da concessão do crédito às grandes empresas (menor risco envolvido para os agentes financiadores), principalmente àquelas consolidadas a mais tempo no mercado, e, por conseguinte, contribuindo, em muitos casos, para aumento da taxa de mortalidade das MPes.

Figura 02: Índice de Condições de Crédito (Demanda x oferta das PME^{1/}).



Fonte: Adaptado de Relatório de Estabilidade Financeira (Banco Central do Brasil, 2013, p. 24).

A pequena oferta de crédito é consequência da falta de disponibilidade de recursos destinados a este grupo de empresas. Isso porque, pela ótica do credor, é preferível que os recursos sejam aplicados em empresas que possuem maior diversificação, maturidade no mercado em que atuam e, consequentemente, menor volatilidade dos resultados, o que se reflete no risco do crédito (PEROBELLI, 2009).

A decisão de escolher a melhor combinação entre as diversas fontes de financiamento da empresa é de extrema importância, pois impacta no retorno que ela oferece aos seus financiadores (MEGLIORINI; VALLIM, 2010). Essa colocação ganha destaque à medida que se identifica que dentre os financiamentos monitorados pelo Banco Central do Brasil (2013, p. 23) em junho de 2013 cerca de 90% da inadimplência dentre os créditos concedidos corresponde à Micro e Pequenas Empresas, ou seja, tratam-se de dívidas que não vêm sendo quitadas pelos empresários deste segmento empresarial, não havendo, entretanto, como aferir os reais motivos por esta elevada inadimplência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a pesquisa pode-se aferir que o gerenciamento inadequado é um dos fatores que contribui significativamente para mortalidade das micro e pequenas empresas, o que corrobora os resultados encontrados por diversos autores, dentre eles Perobelli (2009), Vasconcelos (2008), Sousa (2007) e Megliorini e Vallim (2010).

A baixa possibilidade de contratação de financiamentos nos primeiros anos de vida do negócio, dada a normal falta de garantias aos agentes financiadores/bancários, concorre como um dos eventuais entraves a consecução de capital de giro aos empreendedores iniciantes.

Há a necessidade de se realizar uma prospecção antes da contração de dívidas para investir no negócio, devendo-se considerar não só a capacidade de endividamento, mas a capacidade de pagamento de uma eventual dívida, considerando que, à medida que os agentes financeiros que concedem empréstimos a essa categoria empresarial (MPEs) consideram-na de alto risco, estes promovem a compensação desse risco por meio da elevação dos juros, o que onera ainda mais o pagamento das dívidas pelos empresários.

Em suma, o endividamento não é a assinatura da falência de uma empresa, sendo uma alternativa largamente utilizada para instalação e ampliação de empreendimentos no Brasil e no mundo, mas se este endividamento não for bem manejado pode culminar em danos suficientes à saúde financeira do empreendimento, ocasionando em sua insolvência.

Por fim, o acesso ao crédito junto às instituições financeiras para capital de giro e investimento nas micro e pequenas empresas ainda apresenta um entrave, principalmente, devido às altas taxas de juros praticadas pelo mercado. Desta forma, é necessário que os bancos públicos e privados reduzam as barreiras existentes e ofereçam um pouco mais de credibilidade, contribuindo para o crescimento do índice de sobrevivência destas no mercado.

REFERÊNCIAS

DONATO, José Varela. **Fatores de sobrevivência de novas empresas**. INFORME ETENE – Macroeconomia, Indústria e Serviços. BANCO DO NORDESTE, Ano V, nº 4, p. 11, mar. 2011.

DUTRA, Ivan de Souza. PREVIDELLI, José de Jesus. **Fatores condicionantes da mortalidade de empresas: um estudo dos empreendedores de micro e pequenas empresas paranaenses**. Revista Capital Científico do Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Guarapuava/PR, V. 3; Nº 1, p. 29 – 50, jan./dez. 2005.

FELIPPE, Mário Celso de; ISHISAKI, Norio; KROM, Valdevino. **Fatores condicionantes da mortalidade das pequenas e médias empresas na cidade de São José dos Campos**. In: Seminários de Administração FEA – USP. São Paulo/SP, 2004. 12p.

FERREIRA, Luis Fernando Filardi. et al. **Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo**. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 19, n. 4, p. 811-823, 2012.

FONSECA, Regina Célia Veiga da. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2009. Cap. 19, p. 19-26.

JÚNIOR, Antônio Barbosa Lemes. PISA, Beatriz Jackiu. **Administrando micro e pequenas empresas**. Rio de Janeiro/RJ: Elsevier, 2010. cap. 1.

MACHADO, Hilka P. Vier. ESPINHA, Pedro Guena. **Reflexões sobre as dimensões do fracasso e mortalidade de pequenas empresas**. *Revista Capital Científico do Centro de Ciências Sociais Aplicadas*. Guarapuava/PR, V. 3; N° 1, p. 51-64, jan./dez.2005.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4 ed. São Paulo/SP: Bookman, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEGLIORINI, Evandir; VALLIM, Marco Aurélio. **Administração financeira uma abordagem brasileira**. São Paulo: Pearson Education Do Brasil, 2010. 264p.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). **Guia de sobrevivência para micro e pequenas empresas**. 1 ed. Brasília/DF, 2011, p. 23. Disponível em: < <http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 22/02/2014.

O BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (BNDES). Disponível em < http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Apoio_Financeiro/porte.html> Acesso em: 01/10/2013.

PEÑALOZA, Veronica. FIGUEIRÊDO, Felipe de Castro. **Fatores que influenciam a estrutura de capital em micro e pequenas empresas: Um Estudo Exploratório**. XI SEMEAD, empreendedorismo em organizações, 2008. p. 13. (acesso em: 05/02/2014 às 13:30).

PEROBELLI, Fernanda Finotti C. **Decisões de financiamento em pequenas empresas**. In: TD. 008/2009 Programa de Pós-graduação em Economia Aplicada - FE/UFJF. Juiz de Fora, 2009. 16p.

PORTAL BRASIL. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2012/02/sobrevivencia-e-mortalidade>> Acesso em: 11/12/2013.

REIS, Linda G. **Produção de monografia: da teoria à prática**. 2 ed. Brasília/DF: Senac, 2008. cap. 5, p. 49-58.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). Disponível em <<http://www.sebrae.com.br/uf/goias/indicadores-das-mpe/numero-de-empresas>>. Acesso em: 02/10/2013.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa 2012**. 5. ed. Brasília, 2012. p. 286.

SOUSA, Antônio de. **Gerência financeira para micro e pequenas empresas: um manual simplificado**. 3 ed. Rio de Janeiro/RJ: Elsevier: SEBRAE, 2007. cap. 1, p. 1-6.

SOUZA, Renaldo Antônio. **Estudos sobre endividamento na pequena empresa: pesquisa bibliométrica nos eventos EnANPAD de 2005 a 2009**. XIII SEMEAD, seminários em administração, set. 2010. p. 10. (acesso em: 05/02/2014 às 14:50).

TACHIZAWA, Takeshy. FARIA, Marília de Sant'Anna. **Criação de novos negócios: gestão de micro e pequenas empresas**. 2 ed. Rio de Janeiro/RJ: FGV, 2007.

TASIC, Igor Alexander Bello. **Crédito às micro e pequenas empresas – assimetria de informação e análise da realidade brasileira**. In: Monografia apresentada ao curso de Economia FEA/USP, 2003. p. 49. Disponível em: < <http://www.bcb.gov.br>>. Acesso em: 21/02/2014 às 19:00.

VASCONCELOS, Yumara Lúcia. **Planejamento financeiro**. Curitiba/PR: IESDE Brasil S.A., 2008. 336p. (acesso em: 17/01/2014 às 15:00).

VIAPIANA, Cláudio. **Fatores de sucesso e fracasso da micro e pequena empresa**. In: ANAIS DO II EGEPE. Londrina/PR: nov. 2001. p. 505-525.